

Filme em questão ■ 'CACHÉ'

'Caché', FRA/ALE/ITA/AUS, 2005. Direção: Michael Haneke. Elenco: Daniel Auteuil, Juliette Binoche, Maurice Bénichou. Circuito: Estação Botafogo 3, Art UFF, Cine Santa, Candido Mendes, Espaço Rio Design 2.

Michael Haneke se tornou, nos últimos anos, o mais polêmico dos diretores europeus. O alemão é hoje um dos exemplares mais fortes do gênero ame-o-ou-o-odeie. Com filmes como *Funnygames* (1997), *O código desconhecido* (2000) ou a *A professora de piano* (2001), ele tem dividido crítica e público. Seus ataques cinematográficos à burguesia do continente seriam exercícios de brilhantismo para uns e de maneirismo para outros. *Caché* não é diferente. Haneke saiu do Festival de

Cannes do ano passado com o prêmio de direção, além dos troféus dos júris ecumênico e da crítica. Mas nem por isso a história da família burguesa que recebe fitas de vídeo que mostram que eles são filmados por alguém deixou de causar polêmica. A obra, cujo elenco é encabeçado por Daniel Auteuil, Juliette Binoche e Maurice Bénichou, toca em feridas abertas na psique e no social contemporâneo, ao discutir os estatutos do preconceito racial, da memória e da imagem.

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

O código oculto de Michael Haneke

Alice Miceli
Artista plástica

O que é capturado de uma pessoa ou de uma situação em sua imagem é uma questão difícil, podendo ser problematizada de formas muito diversas. Em relação à fotografia, ao vídeo ou ao filme, esse problema passa por uma mediação particular, que em francês se chama, não por acaso, *prise de vue*, uma "tomada de vista", ou, melhor ainda, uma tomada de posição. Parece ser esse o momento de aposta, de risco, em uma relação entre aquele que filma ou fotografa e aquele que está diante da câmera. Relação esta fundadora da imagem, assim como daquilo que ela implica, de seu resultado visível.

O filme *Caché* põe em cena uma imagem cujo posicionamento é velado, e, assim sendo, cujo estatuto e propósito são ambíguos. Problematiza também o que acontece e que conteúdos ocultos podem ser revelados quando nos deparamos com imagens dessa natureza. Em nenhum momento, nem os espectadores nem os personagens do filme conseguem acessar o que elas significam. Logo na primeira seqüência, somos confrontados



Daniel Auteuil e Juliette Binoche recebem vídeos de si mesmos, feitos por um estranho escondido e se sentem ameaçados

com esta imagem de estatuto ambíguo. Nesse momento, o fato de que são os personagens dentro do filme que observam as imagens é velado. A primeira ação de Georges (Daniel Auteuil) no plano seguinte, quando ainda estamos confusos sobre o que acabamos de ver, é tentar identificar os rastros físicos da localização e da posição do ponto de vista oculto que produziu as tais imagens.

E o faz na esperança de compreender e, desta forma, controlar um pouco mais seus possíveis significados e propósitos. A mudança brusca de luz

'Caché' problematiza, tanto no conteúdo quanto na forma, a relação com o outro, o que vem de fora

de um plano a outro nos confunde ainda mais. Não é à toa que as frases mais repetidas entre os personagens que se angustiam diante do estatuto ambíguo daquelas imagens são "Quem?" e "Como assim?". A procedência e a forma pelas quais as imagens foram criadas, e que terminam por ficar ocul-

tas, criam uma crise, no sentido de que não fornecem regras nem pistas de como poderíamos nos posicionar diante delas. Criam medo e tensão em um confronto. E diante dele não podemos nos posicionar claramente. Não podemos tomar posição diante do que é e continua sendo desconhecido.

Esse conteúdo oculto, cujo acesso nos é negado, nos revela, entretanto, outros conteúdos, igualmente ocultos, que surgem na tentativa dos personagens de se relacionarem justamente com esse elemento desconhecido, e no li-

mite, com qualquer desconhecido. Ou seja, os personagens tentam entender e controlar algo que lhes escapa completamente. O que, para uma história encenada em Paris, nas atuais circunstâncias, possui uma ressonância política evidente. *Caché* problematiza, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, a relação com o outro, com quem é de fora, com quem é desconhecido, em situações que não são explicitamente racistas, mas nas quais esse medo da diferença termina por se apresentar de forma clara.